

Dossiê Temático

Direito à comunicação e diversidade

“As bi, as gay, as trava e as sapatão tá tudo preparada pra fazer revolução”. Esse é o refrão cantado em manifestação LBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), realizada no dia 22/07/2013. O vídeo da manifestação – realizada em plena Jornada Mundial da Juventude, no Rio de Janeiro – está postado e pode ser visto no youtube (https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=DgWpgXTT5cY). De junho a agosto de 2013, em especial a juventude foi às ruas protestar: contra o aumento da passagem dos ônibus, contra o machismo, contra o capitalismo, contra a corrupção, contra os mega-eventos. Em grande parte, as manifestações foram organizadas e, depois, reportadas a partir da internet, das mídias sociais.

“Vivemos na era da auto-expressão”, disse Rui Novaes (professor da Universidade do Minho), em palestra de abertura do 1º Colóquio Internacional de Jornalismo, realizado na UERJ, em 12/08/2013. Em sua exposição sobre a mídia impressa na contemporaneidade (não, a imprensa escrita não está para acabar, mostra a pesquisa apresentada), o pesquisador português destacou a importância da Madonna – que se reinventa, busca cantar para grupos e, mesmo com a novidade dos CDs, downloads, pirataria, continua no auge (a pop star completou 55 anos no dia 16/08/2013 - em 1984, foi “acusada” de incentivar o sexo antes do casamento...) – e a importância do Facebook – criticado, mas indispensável.

A cantora Daniela Mercury, a Madonna brasileira (conforme definiu Camille Paglia), usou o instagram e disse “casei”. Inicialmente pelas mídias sociais, apresentou a jornalista Malu Verçosa como seu amor, sua mulher. Depois, em entrevista a veículos da chamada grande imprensa, afirmou considerar importante falar sobre seu amor por uma mulher, principalmente no momento que o País está vivendo. No Congresso Nacional, manifestantes ergueram cartazes: “Menos ódio, mais Daniela. Fora Feliciano”.

Mulheres, lésbicas, gays, jovens, negras, negros, trabalhadoras e trabalhadores. As pessoas estão nas ruas e na mídia apresentando e debatendo suas demandas. Reivindicam respeito, mostram a diversidade, se expressam e buscam o exercício do direito à comunicação e a edição de políticas públicas mais inclusivas. Tratam de construir a democracia, a cidadania, o País. E a academia? Embora sua temporalidade seja outra, em sua função primeira - a de produzir conhecimentos que, ultrapassando a mera

mimetização da realidade, permita sua melhor compreensão e, desta forma, contribuam para a mudança social – várias são as vozes que, independentemente de convicções ou militâncias, têm revelado o quão multifacetado é este debate e o quanto alguns modelos de interpretação carecem de uma maior precisão. Precisão esta que não deve ser entendida como aplainamento das arestas e imposição de consensos epistemológicos pretensamente construídos, mas justamente pela maior atenção à diversidade, pelo respeito ao axioma de que dar voz aos diversos atores que constituem nosso tecido social é condição necessária para a edificação de uma ciência, e em particular de uma ciência da comunicação, cônica de seu papel de agente transformador. Com o presente dossiê temático, a **Revista EPTIC** busca dar uma pequena contribuição – apresentando pesquisas e debatendo ideias- para o esforço coletivo de juntos construirmos um mundo melhor

Abrimos o dossiê com uma entrevista com a pesquisadora Denise Cogo (Unisinos). Denise Cogo, que foi coordenadora do GP Comunicação para a Cidadania da Intercom e do GT Comunicação e Cidadania da Compós, destaca, nesta entrevista, a importância do direito à comunicação e do respeito à diversidade.

Na sequência, apresentamos artigo de Catarina Farias de Oliveira (UFC), Denise Teresinha da Silva (Unipampa) e Sheila Rodrigues (Jornalismo da Terra – UFC). Nele, as autoras refletem sobre diferenças sociais e culturais, a partir de práticas da comunicação popular. São enfatizadas formas como estas experiências representam a diversidade cultural e social, aprofundando a reflexão sobre a temática de gênero.

O artigo seguinte é de autoria de Maria Luiza Martins de Mendonça (UFG) e Janaína Vieira de Paula Jordão (UFG). As autoras mostram questionamentos sobre a desigualdade e hierarquias sociais no Brasil expostas por meio da cobertura midiática a respeito da equiparação dos direitos dos/as trabalhadores/as domésticos/as a outras categorias profissionais.

Depois, o dossiê apresenta artigo de Ana Luiza Coiro Moraes (UFSM) e Jucineide T. da Silva Ferreira (UNIFRA). As autoras refletem sobre a visibilidade de negros e negras em um jornal impresso do Rio Grande do Sul, com estudo de sua coluna social, no período de 1960 a 2004.

O debate sobre o termo diversidade, relações de gênero e lesbianidade, com reflexões sobre a presença das lésbicas na mídia e o Projeto de Lei de Iniciativa Popular da Comunicação Social Eletrônica é tema do próximo artigo de autoria de minha companheira Daniela Auad (UFJF) em parceria comigo.

Na sequência, temos o artigo de Dulce Marcia Cruz (UFSC) e Elias Gilberto Filimone Djive (UFSC) que busca refletir sobre a comunidade virtual Instituto Mídia Étnica. O Instituto desenvolve um trabalho colaborativo usando o portal Correio Nagô, para a partilha dos conteúdos entre os membros, com comentários e propostas de solução.

A seguir, José Márcio Barros (PUC-Minas e UFBA) e Fayga Rocha Moreira (UFBA) refletem, em artigo, sobre a comunicação e a participação nas metas do Plano Nacional de Cultura. Para debater sobre comunicação e cultura, entre outras questões, os autores lembram mudanças operadas nos últimos dez anos no Brasil, no que se refere ao modelo de construção

de políticas públicas por meio da participação social.

Decisões de Tribunais de Justiça do Rio de Janeiro, São Paulo, Paraíba, Pernambuco, Rio Grande do Norte, Distrito Federal e do Supremo Tribunal Federal (STF) relativas a organizações da Marcha da Maconha e o direito à comunicação são refletidas, no próximo artigo apresentado, de autoria de Fernando Oliveira Paulino (UnB) e Jeronimo Calorio Pinto (UnB).

Na sequência, temos o artigo de Saraí Schmidt (Universidade Feevale) e Pamela Stocker (UFRGS), que discute a pedagogia da mídia, buscando articular comunicação, juventude, gênero e sexualidade a partir da análise e discussão de peças publicitárias veiculadas na mídia impressa brasileira que evocam o universo masculino e feminino e do filme *Desejo Proibido*.

Fechamos o dossiê (mas não o debate e a revista), com artigo de Vitor Souza Lima Blotta (USP), da área do Direito, que reflete sobre diversidade, liberdade de expressão e regulação da comunicação no Brasil. Esperamos, assim, contribuir com a pesquisa, o debate, a reflexão e ação, nas universidades, nas mídias e nas ruas em prol de uma sociedade mais igualitária e democrática.

Boa leitura!

Bom exercício do direito à comunicação!

Boa e feliz diversidade!

Cláudia Regina Lahni, coordenadora do Dossiê Temático desta edição da Revista da Eptic